



## MARCAS NO CARPETE: SEXUALIDADE E GÊNERO NA EDUCAÇÃO

Anselmo Lima de Oliveira<sup>1</sup>

### GT 6 - Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade.

#### RESUMO

A violência sexual e de gênero tem assolado o Brasil e diversos países ao redor do mundo. Toda essa violência tem provocado danos irreparáveis tanto às vítimas quanto aos familiares. Este texto tem como objetivo analisar três narrativas de alunos durante o período escolar/universitário, problematizando-as a partir dos estudos pós-críticos. A primeira e terceira narrativas evidenciam as estratégias que os estudantes utilizaram para fissurar as normas. A segunda narrativa culminou em suicídio do aluno. Utilizamos como referencial teórico-metodológico Michel Foucault, bell hooks e outros/as autores/as de semelhante envergadura. Observamos que, apesar dos efeitos produzidos pela heteronormatividade, os estudantes causam fissuras às normas.

**Palavras-chave:** Discurso. Diversidade. Educação. Gênero. Sexualidade.

#### ABSTRACT

Sexual and gender violence has devastated Brazil and several countries around the world. All this violence has caused irreparable damage to both victims and family members. This text aims to analyze three students' narratives during the school/university period, problematizing them from post-critical studies. The first and third narratives show the strategies that the students used to break the norms. The second narrative culminated in the student's suicide. We use Michel Foucault, bell hooks and other authors of similar scope as a theoretical and methodological framework. We observe that, despite the effects produced by heteronormativity, students cause fissures in the norms.

**Keywords:** Speech. Diversity. Education. Genre. Sexuality.

#### MARCAS

Numa madrugada qualquer, enquanto cochila com o braço apoiado à mesa da cozinha, tentando segurar o rosto, Maria<sup>2</sup> acorda assustada com o badalar dos sinos da igreja próxima. Naquela penumbra, com a alma quebrada pela tristeza de uma vida dura, ela fixa o olhar na porta branca e desgastada do quarto. Aquela porta era tão sombria, trazia à memória tantas maldades e sofrimentos, e, estática, destacava-se naquele breu.

As lágrimas de Maria, de tanto jorrarem, havia finalmente secado. Restavam

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Educação pela UFS. Especialista em Políticas Públicas em Gênero e Etnia (UFS/UFBA). Graduado em Pedagogia pela Faculdade Machado de Assis (FACESE). Graduado em Ciências Contábeis pela UFS. Pesquisador do Grupo de Pesquisas e Estudos Queer e outras epistemologias feministas - CONQUEER - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). ORCID: 0000-0002-6781-9470. E-mail: [lima@academico.ufs.br](mailto:lima@academico.ufs.br)

<sup>2</sup> Nome fictício dado a personagem da narrativa.



apenas as expressões de angústia impressas naquele rosto fatigado. Por fim, ela tomou coragem e resolveu encarar aquele quarto frio. Parou defronte à porta, pensou por dois segundos e, num movimento sutil, tocou a maçaneta virando-a para o lado esquerdo. Então, a porta foi aberta como se o mundo estivesse nascendo novamente para ela. Avançou um pouco, cruzou os braços, mas não se desprende do olhar tristonho que tanto desaformoseava seu semblante.

Com passos leves e lentos andou cuidadosamente pisando aquele chão doído. Nada dizia. Colocou as mãos nos bolsos do surrado macacão marrom, então resolveu encarar o berço de madeira. Aproximou-se, pôs as mãos suavemente sobre a cabeceira cravando o olhar sobre aquele objeto de tantos significados.

Num gesto repentino resolveu segurar firme o berço e empurrá-lo, conduzindo-o pelo meio da casa, atravessando o jardim até chegar à frente da residência. Parou novamente, meditou e, sem dizer uma palavra sequer, teve uma ideia inusitada: decidiu por toda a mobília à venda. Agia como um preso que almeja alcançar a liberdade. Maria queria se desfazer de tudo. De toda lembrança que afligia a alma, de toda materialidade que a fizesse recordar as tribulações que a vida lhe pregara. O sofá de estampa laranja, a mesa de centro de madeira de lei, a poltrona rosa surrada pelo tempo, a cadeira de balanço branca que outrora servira para ninar seu bebê, as fraldas de pano, o móvel-trocador, as roupinhas coloridas, os brinquedos de peluca.

Embalada pela canção de tomava seus ouvidos, Maria se jogou desesperadamente sobre a poltrona rosa e, não abandonando o olhar infeliz, contemplou o céu e começou a lembrar da noite em que ela e o esposo José sentaram à varanda para apreciar os fogos de artifício que embelezavam a noite da virada de ano. Sentiu um toque em sua barriga. Era a mão de José acariciando o bebê que estava porvir. Então, retribuindo o carinho alisou a mão do esposo e juntos tocaram o coração da criança. Maria e José entrelaçaram os olhares e sorriram um para o outro tentando demonstrar aquela oceânica alegria.

Mas, repentinamente, Maria foi despertada do sonho. À sua frente estava um casal com pretensões de comprar o berço branco. Cansada e sem demora, Maria resolveu doar tudo àquele jovem casal. Em seguida, vi-os desaparecer na rua empoeirada.

Com passos cansados ela retornou ao quarto do bebê. Seu olhar então percorreu todo o ambiente como se quisesse dar um fim em tudo aquilo. Ao olhar o chão observou que havia marcas dos pés do berço no carpete. Num movimento frenético e raivoso esfregou com



a bota que usava as marcas deixadas pelo berço branco no carpete. Não satisfeita agachou-se e com as mãos continuou friccionando as marcas no carpete. Exausta, quase clamando, ajoelhou-se sobre aquelas quatro marcas deixando seu corpo cair sobre o carpete. Com as costas presas no chão, Maria contemplou lá no alto um efeito de teto. Aquele enfeite que girava feito carrossel fazia com que os pássaros de origami bailassem.

Esta e tantas outras histórias se repetem diariamente nesse Brasil continental. A violência sexual e de gênero<sup>3</sup>, além de causar danos muitas vezes irremediáveis às pessoas, também assola as famílias brasileira. Mães e pais que choram e lamentam as perdas das filhas e filhos.

Toda essa brutalidade irracional tem permeado nossas escolas. Mais uma prova de que “a educação tem um papel fundamental na promoção do respeito à diversidade, contribuindo para a diminuição de estigmas e da marginalização que geram tanta exclusão social e violência [...]” (SANTOS, 2020, p. 15). Paradoxalmente, essa mesma educação tem contribuído para a conservação e subsistência da desigualdade de gênero. A escola, como ambiente de ensino e aprendizagem, é o lugar mais propício para construirmos práticas que promovam a cidadania e, por conseguinte, a redução de comportamentos discriminatórios. Não podemos continuar fingindo que não há preconceito, discriminação e opressão. Gênero e sexualidade não podem ser abstraídos da escola, afinal são partes dela.

À frente apresentaremos narrativas de uma professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS) acerca das opressões sofridas por um estudante no ambiente escolar. Os episódios de violência culminaram na maior tragédia da vida. Também exporemos e problematizaremos os relatos de uma infância viada de um aluno da pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Entre a vigilância e punição, o aluno, agora adulto, diz das estratégias utilizadas que causavam fissuras às normas. Por fim, dialogaremos acerca da violência sofrida por uma aluna transsexual durante a graduação, bem como a tática utilizada pela aluna para provocar a Pró-reitoria de graduação (PROGRAD) da UFS.

## A AMEAÇA

Faz tempo que os estudos de gênero e sexualidade têm promovido significativo

---

<sup>3</sup> Acompanhe os dados do Atlas da Violência 2021/Daniel Cerqueira et al – São Paulo: FBSP, 2021 em <https://forumseguranca.org.br> Acesso em: 26 de set. 2021.



rompimento social, epistemológico, cultural, político e econômico em diversas sociedades ao redor do mundo. Como nos alerta bell hooks (2013), jamais haverá harmonia na diversidade. Sabemos que romper com as normas não é nada fácil. Temos ciência também de que aquele que resolver trilhar esse caminho deve estar preparado para lutar ferozmente.

## O SUICÍDIO

Em dezembro de 2015 realizei entrevista com uma professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP/UFS). No início da entrevista informei à professora Chinara<sup>4</sup> que meu projeto de pesquisa tinha sido aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esclareci também que o nome dela seria preservado por questões éticas. Deixei bem claro que ela teria a opção de responder ou não as questões dadas. Em seguida, apresentei-lhe um resumo da minha pesquisa, objetivando situá-la com as temáticas propostas: gênero, corpo e sexualidade na educação.

Então, questionada sobre a sexualidade, a professora Chinara passou a relatar um triste episódio ocorrido na escola Agrotécnica, situada no município sergipando de Porto da Folha. Segundo a professora, havia “[...] um aluno muito bom, um aluno de Porto da Folha. Era, assim, um dos melhores alunos da turma e esse aluno era homossexual. Mas, assim, era muito discreto. Adolescente, ainda” (CHINARA, 2015). Dando sequência a fala, Chinara descreve o fatídico episódio.

E ele [Jaime<sup>5</sup>] se suicidou no colégio. Era o terceiro ano [do ensino médio]. Era aquela expectativa. Ele era um excelente aluno e ele era de Porto da Folha. Quando a gente ficou sabendo da notícia, que ele se suicidou, ele se enforcou no colégio. Aí, eu senti assim: como ele não aguentou o peso. Então, isso foi muito forte. A gente vê como a escola, quer dizer, nós tivemos ali aquele aluno. Quantos anos de escolaridade? Quantos anos de convivência com professores, com orientadores, com psicólogos, com assistente social da escola? Ninguém chegou nesse menino, ninguém chegou nele pra que evitasse o fim. Então, isso foi muito forte, assim, foi muito forte. Aí, isso também me fez refletir muito, né. Como essa questão da sexualidade é forte na escola, no ambiente escolar isso é uma coisa gritante, isso é uma coisa que maltrata, uma coisa que humilha, uma coisa que mata. Então, apesar da teoria, isso tá, assim, uma coisa mais aberta, mas discutida, muito mais discutível, mais dialogada, na prática tem sido muito

<sup>4</sup> Nome fictício dado a participante da pesquisa realizada em 2015 tem como objetivo um efeito mais realístico do texto, já que não é possível citar o nome verdadeiro da entrevistada.

<sup>5</sup> Utilizo o nome José - ainda que fictício - com o objetivo de tornar mais real a cena narrada.



cruel. Assim, minha experiência já na rede municipal, estadual, federal, sempre na educação básica, na prática isso não evoluiu. As relações aluno/aluno, professor/aluno, é... corpo diretivo, corpo pedagógico, tá uma lacuna muito grande, assim. E essa questão da sexualidade, do gênero ainda precisa avançar muito. Porque é uma coisa muito sofrida. Eu vejo assim a história da sexualidade, de gênero na escola é uma história de sofrimento. É um *bullying* muito forte, é mais do que um *bullying*, assim... uma perseguição, mesmo. Uma perseguição. Eu percebo, assim, que se acham no direito, no direito de expor e a pessoa se sente, assume aquela inferioridade. Você se sente naquela condição de, você é inferior. Então, você se submete, você se submete e quando tira a sua voz, tira tudo, né. E chegou a esse caso extremo que meu aluno veio se suicidar. Ele não aguentou o peso e a escola, a educação básica, onze, doze a quinze anos de formação, não foi suficiente pra que ele se encontrasse. Ele se encontrou com a morte, assim. Foi fatal (lágrimas). (CHINARA, 2015).

Muitas questões estão enunciadas nas falas da referida professora. Tentaremos analisar alguns pontos, deixando claro, obviamente, que a pretensão não é estancar as várias perspectivas e compreensões a respeito daquilo que fora dito. Com isso, desejamos que o leitor faça suas análises, problematizando os pontos que lhe convier.

O enunciado “[...] como ele não aguentou o peso”, dito por Chinara evidencia uma violência psicológica capaz de se materializar, levando, inclusive, o Jaime ao suicídio. O discurso tradicional heteronormativo profuz efeitos cruéis, capazes de levar uma pessoa a tirar a própria vida. Reforçando, desse modo, que “o mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido” (HOOKS, 2010, p. 113).

Para analisar os discursos sob a lente foucaultiana é de fundamental significância a não aceitação de explicações homogêneas, simples, estanques. Ainda, é necessário entender a inexistência de coisas, práticas, efeitos ocultos. Tudo está claro, nada está oculto. Basta sabermos utilizar as lentes (instrumentos) adequadas para realizar as investigações. E essas ferramentas não são de uso exclusivo de ninguém, mas está acessível a todas e todos. Bastando, apenas, o esforço necessário e a vontade de quer saber manuzeá-las.

Foucault (1970; 1984; 2014; 2015a; 2015b) já nos alertava sobre o mito da existência de cortinas. O que existe é o discurso pondo em funcionamento os enunciados. Assim, “analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas que estão “vivas” nos discursos” (FISCHER, 2001, p. 198-199). O que está claro nas obras de Foucault é que, em virtude das relações de poder, o discurso sempre seria produzido.



É notório que a prevenção da violência sexual e de gênero pode e deve ser feita também pela escola. Afinal, “[...] previni-la envolve educar para a sexualidade [...]” (SPAZIANI; MAIA, 2015, p. 62). Contudo, não podemos permanecer com uma educação sexual moldada à perspectiva punitiva, que aborde apenas temas relacionados à gravidez, estupro a partir de um ponto de vista da vigilância e punição.

O “ninguém chegou nesse menino. Ninguém chegou nele pra que evitasse o fim. Então, isso foi muito forte. Assim, foi muito forte!” (CHIMARA, 2015) põe em tensão o debate na educação. Esta enunciação evidencia que as questões relacionadas à sexualidade precisam, urgentemente, ser abordadas, discutidas, problematizadas pela escola. Não dá para, inertes, encararmos toda essa violência. Como bem disse a entrevistada, os profissionais da educação - professores, orientadores, psicólogos, assistente social - estavam na escola diariamente. Será que não foram capazes de identificar o problema? Ou será que foram negligentes com a sexualidade daquele aluno?

Na atualidade, fala-se tanto sobre diversidade sexual e de gênero. No entanto, a educação continua com ouvidos moucos e visão embaçada quanto às citadas temáticas. Afligimo-nos - até choramos - com os trinta segundos das notícias sobre a violência sexual e de gênero que passam na TV. Contudo, feito fumaça, as mortes dos Joões e Marias se perdem nos afazeres diários. Então, meio que entorpecidos, retornamos a nossa rotina dura e brutal para, em seguida, chorarmos mais uma morte. Dissimuladamente abraçamos a diversidade sexual e de gênero - como uma espécie de modismo. Como se quiséssemos dizer às pessoas que, de fato, militamos nesse sentido. Todavia, nossa prática diária escolar continua aprisionada pelo discurso heteronormativo.

Com a voz embargada e olhos marejados, a professora Chimara, enfim, desabafa: “ele se encontrou com a morte” (CHIMARA, 2015). O jugo lançado sobre aquele aluno foi tão pesado e cruel; repleto de práticas discursivas e não discursivas suficientes para esmagá-lo contra a norma perversa. Aqui um exemplo mais que claro sobre a malignidade da heteronormatividade. O discurso tradicional, normativo, heterossexual possui expertise na dissimulação. Defente publicamente a diversidade, no entanto, faz sangrar toda e qualquer diversidade.

## INFÂNCIA VIADA



Em frente ao computador, Akin<sup>6</sup>, contemplando o balançar das palmeiras que estavam do outro lado da rua, começa a relembrar a infância. No digitar de uma tecla e outra vai formando palavras que se transformam em frases que desaguam em narrativas. Ele sabe que não será nada fácil revisitar as memórias há tanto adormecidas. Contudo, compreende que esse exercício, ainda que doloroso, pode ajudá-lo no processo de autodescobrimento.

Garoto do interior de uma cidade nordestina, onde o binarismo macho/fêmea encontra-se extremamente marcado, Akin, desde a tenra idade, sentia algo diferente. Eram vontades e desejos inexplicáveis para ele à época. Um desses desejos secretos era ser igual à mãe: vestidos coloridos com estampas de flores, sapatos de salto alto, brincos, colares dourados, batons vermelhos que destacam a beleza dos lábios.

Depois de observar que os pais haviam saído de casa, Akin resolveu experimentar. Seria a realização de um sonho. Tremendo de medo, olhando de um lado ao outro, foi até o quarto da mãe, abriu o guarda-roupas e, num movimento rápido e desesperado, apanhou um dos vestidos. Com o coração disparado colocou o vestido e se olhou no espelho. Supreso com o que via, levantou as sobrancelhas e sorriu. Achou tudo aquilo magnífico. Então, resolveu continuar com aquela encenação. Foi até a penteadeira, abriu a gaveta e começou a se maquiar. Pôs um pouco de *blush* sobre a face corada de medo e em seguida apanhou o baton vermelho e começou a passar sobre os lábios. Com as mãos trêmulas, Azin correu novamente até o espelho para contemplar aquela transformação. Boquiaberto, teve a sensação de que tudo aquilo lhe possuía, era seu.

A narrativa acima diz um pouco da infância de um aluno do curso de pós-graduação da UFS. O texto alterna-se em duas perspectivas: a primeira diz respeito ao medo do menino em ser descoberto como diferente, como alguém que, mesmo sendo menino, queria ser menina como a mãe. O segundo fala de uma ruptura da norma, onde Akin se enche de alegria e entusiasmo ao vestir o vestido da mãe, enfeitando-se com colares e experimentando a maquiagem e os adereços.

O ser descoberto como diferente, fora da norma, causava-lhe pavor. Durante as brincadeiras de infância, Akin sempre notava os olhares vigilantes e punitivos dos pais. Isso demonstra que “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Essas proibições são tão opressivas que levam as pessoas a reprimir e ocultar a

---

<sup>6</sup> Nome fictício dado ao personagem a fim de preservar o sigilo da fonte.



sexualidade, gerando, como isso, conflitos e traumas internos.

Akin, então, encontrava-se aprisionado no corpo e na alma. Sentir atração e desejo por outro menino era algo inusitado e proibido, o que causava estranhamento e bastante sofrimento. Assim, ele passou a compreender que os efeitos da heteronormatividade são capazes de construir “[...] uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo [...]” (FOUCAULT, 2014, p. 135). A coerção heteronormativa sempre se encontra vigilante e pronta para aplicar punições aos desviantes.

Mesmo sob os olhares que o espionavam e se arvoravam em punir, Akin sempre encontrava estratégias para criar fissuras à norma. Usar o vestido da mãe e adornar-se de enfeites enquanto estava sozinho era uma das táticas. Assumir o papel de pai durante as brincadeiras com as meninas também era uma estratégia para ter acesso às bonecas. Era uma maneira de experimentar sua feminilidade.

Timidamente, Azin entusiasma-se ao ler a primeira lauda das suas narrativas. Era como se as letras impressas naquele papel trouxesse libertação. Eufórico, então, não parou de escrever. Ele queria dizer a todo mundo dos caminhos trilhados. Assim como Conceição Evaristo (2017), Akin dava voz a sua escrevivência.

## **FREQUÊNCIA QUE CONSTRANGE**

Na introdução da dissertação “Gênero e Sexualidade em Educação: um mapeamento das teses e dissertações do Norte e Nordeste brasileiro”, Santos (2020) narra um episódio, no mínimo, constrangedor. A autora relata que no primeiro dia de aula na Universidade Federal de Sergipe, após longo período distante dos estudos, estava bastante preocupada com a lista de chamada da frequência. Sendo uma mulher trans, temia que durante a chamada da frequência em sala de aula não fosse dito seu nome social, uma vez que ela ainda não tinha alterado o nome nos documentos de registros oficiais. Prevendo essa possibilidade, ela relata que já havia procurado o Departamento de Administração Acadêmica (DAA) a fim de que fosse providenciada a alteração do nome. Contudo, o DAA informou que esse procedimento deveria ser solicitado ao professor.

Segundo Santos (2020), durante as duas primeiras aulas as professoras compreenderam a situação e atenderam a solicitação, utilizando o nome social da aluna. Contudo, “com o último professor, no entanto, aconteceu uma situação que eu temia [...]”



(SANTOS, 2020, p. 16). Durante o intervalo das aulas ela foi conversar com o professor para explicar o porquê de não ter respondido a chamada. Para espanto da aluna, o professor “[...] foi bem ríspido, falando alto por duas vezes o meu nome de registro, fazendo com que as/os alunas/os o escutassem, dizendo que eu resolvesse essa questão com o DAA” (SANTOS, 2020, p. 16).

Como claramente nos lembra bell hooks (2013), “os próprios professores universitários, especialmente os dos grupos dominantes, às vezes empregam noções essencialistas para constranger as vozes de determinados alunos [...]” (HOOKS, 2013, p. 117). O caso de Santos (2020), descrito acima, demonstra, notoriamente, como o professor, utilizando-se de práticas discursivas essencialistas, buscou constranger a aluna trans. O discurso fantasioso conservador tenta publicizar a falsa ideia de uma diversidade harmônica no ambiente escolar/universitário. O que existe, de fato, é que a diversidade sexual e de gênero têm gerado antagonismos nesses ambientes. Em virtude desse antagonismo, “muitos professores não [possuem] estratégias para lidar com os antagonismos na sala de aula” (HOOKS, 2013, p. 47).

Santos (2020) descreve que, após o episódio, protocolou uma denúncia na Ouvidoria e abriu um processo administrativo na PROGRAD/UFS. A partir disso, a autora evidencia que foi criada a Portaria nº 2.209, de 18 de 2013, a qual regulamenta o uso do nome social das pessoas trans.

O ativismo de Santos (2020) foi suficiente para problematizar as questões relacionadas à diversidade na sala de aula da UFS. Nessa perspectiva, hooks (2013) descreve que “acab[ou] percebendo que o silêncio é um ato de cumplicidade [...]” (HOOKS, 2013, p. 92). Talvez, se Santos (2020) tivesse silenciado, nenhuma movimentação poderia ter ocorrido. Provocar a PROGRAD foi necessário e suficiente para que fosse criada uma regulamentação sobre o uso do nome social na UFS.

É possível que o conhecimento adquirido por Santos (2020) tenha jogado luzes sobre seu entendimento. Assim, ela se apropriou do saber para exigir um direito que lhe é garantido pelo Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, o qual “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (BRASIL, 2016).

Nessa perspectiva, Martin Luther King (2014) nos aponta dois caminhos interessantes capazes de estancar toda forma de discriminação. O primeiro caminho, segundo



o autor, deve ser trilhado pela educação. Nesta, “buscaremos mudar atitudes e sentimentos internos (preconceito, ódio etc.)” (KING, 2014, p. 43). Contudo, Paulo Freire (1987) afirma que essa educação deve ser crítica e libertadora. Portanto, não faz sentido alguma educação que não promova a justiça social.

O segundo percurso dito por King (2014) deve ser feito “pela legislação e por determinações dos tribunais, buscando regulamentar o comportamento” (KING, ANO, p. 43). Isso ficou evidente na atitude de Santos (2020) ao provocar a PROGRAD/UFS. Por fim, King (2014) destaca que “qualquer um que parte da convicção de que o caminho para a justiça social tem uma única via, inevitavelmente criará um congestionamento e tornará a viagem infinitamente mais demorada” (KING, 2014, p. 43). Assim, não podemos perder tempo. Urge a ideia de levar o conhecimento sobre a diversidade sexual e de gênero à educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após três ondas grandes do feminismo, ainda estamos, na atualidade, andando a passos lentos quanto às questões relacionadas aos estudos de gênero e sexualidade no ambiente escolar. Temos a impressão de que avançamos dois passos e retroagimos quatro. E não se trata de argumentar que a produção científica sobre essas temáticas é insuficiente, pois existem vultosas pesquisas sobre gênero e sexualidade.

Contudo, uma questão está absurdamente clara. Os retrocessos e avanços das questões vinculadas à sexualidade e gênero dizem respeito ao tipo de governo que assume o poder. Por exemplo, durante os governos Lula e Dilma esses temas ganharam significativa visibilidade e avançamos com as agendas. Contudo, no governo Bolsonaro os retrocessos são demasiadamente claros.

Resta-nos continuar utilizando as estratégias de guerra de trincheira: produzindo artigos, teses e dissertações sobre gênero e sexualidade; realizando ativismos tanto nas ruas quanto nas redes sociais a fim de demarcar territórios. Por fim, precisamos continuar resistindo e resistindo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016.** Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração



pública federal direta, autárquica e fundacional.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 2ª ed. – São Paulo, Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. Eros, Erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KING, Martin Luther. **A autobiografia de Martin Luther King**. (Org.) Clayborne Carson. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SANTOS, Linda Brasil Azevedo. **Gênero e Sexualidade em Educação: um mapeamento das teses e dissertações do Norte e Nordeste Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2020.

SPAZIANI, Raquel Batista; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação para a Sexualidade e Prevenção da Violência Sexual na Infância: concepções de professores. **Revista Psicopedagogia**, v. 32(97), p. 61-71, 2015.